

Sobre o envelhecimento como problema

a figura do ancião, desde o início dos relatos das primeiras civilizações, é muito controversa e discutida. No mundo ocidental, o senso comum das principais culturas muitas vezes discordava dos ensinamentos das filosóficas clássicas sobre as contribuições da velhice para a sociedade. O estudo das reais condições trazidas pelo avanço da idade gerou diversas discussões éticas sobre as percepções biossociais dos processos de mudança do corpo. Médicos, biólogos, psicólogos e antropólogos ainda hoje não conseguem obter consenso sobre esse fenômeno em suas respectivas áreas.

Muitas culturas ocidentais descrevem o estereótipo do jovem como corajoso, destemido, forte e indolente. Já a figura do idoso é retratada como um peso morto, um chato em decadência corporal e mental. Percepção preconceituosa que foi levada ao extremo no século XX pelos portugueses durante a ditadura de António Salazar, notório por usar a perseguição aos idosos como bandeira política. Atletas e artistas cotidianamente debatem o avanço

da idade com medo e desgosto, enquanto especialistas da saúde questionam se há deterioração ou mudança adaptativa no corpo humano.

Nas culturas orientais, assim como na maioria das filosofias clássicas, a velhice é vista de um ângulo positivo, sendo fonte de sabedoria e meta para uma vida guiada com prudência. O sábio ancião, que personifica a figura do homem calmo, austero, e que muitas vezes é capaz de prever certas situações e aconselhar, se destaca em relação ao jovem cheio de energia e de hormônios instáveis. Porém, apesar dos filósofos apreciarem o avanço da idade, nem todos eles tinham a mesma opinião sobre a velhice.

O jovem Platão tinha como inspiração o velho filósofo Sócrates. Apesar de ser desfavorecido materialmente, Sócrates possuía muita experiência e uma sabedoria ímpar que marcou a história do pensamento. Em *A República*, Platão retrata uma discussão filosófica sobre a justiça ocorrida na casa do velho Céfalo, homem importante e respeitável em Atenas, que propiciava discussões filosóficas entre os mais velhos e os jovens que con-

templavam os diálogos. Na sociedade ideal desse filósofo, os jovens muitas vezes eram retratados como inconsequentes e ingênuos, a exemplo de Polemarco, filho de Céfalo. Nesta sociedade ideal, crianças e adolescentes não recebiam diretamente o ensino da Filosofia. Por ser um conhecimento nobre e difícil, era ensinada somente para pessoas de idade mais avançada.

Aristóteles, discípulo do velho Platão, não se posicionou muito diferente a respeito. Apesar de não conceber uma sociedade ideal, a ideia de sabedoria baseada na experiência da idade era defendida. O estagirita dizia que aos jovens era preferível ensinar Gramática, Retórica e Matemática; já para os mais velhos deveria se ensinar a Ética e a Política. Como o centro das virtudes morais é a prudência, só uma pessoa experiente e “calejada” poderia entender as emoções e o “meio-termo” das virtudes.

Apesar das contradições teóricas com Platão e Aristóteles, temos em Epicuro o ideal do homem feliz – tranquilo, prudente e que busca as coisas essenciais da vida. Liberto da busca pela glória ou riqueza. Esse tipo de





vida, a do sábio, é quase sempre exemplificado pela atitude do ancião. Do idoso que permanece vivo por ter aprendido a viver a boa vida. Em sua *Carta a Meneceu*, o filósofo diz que a boa Filosofia ajuda o jovem a envelhecer bem de corpo e espírito, discurso que se posiciona na contramão da atual busca estética e medicinal pela jovialidade.

Dentre os filósofos clássicos, o maior crítico sobre a construção filosófica da ideia de “velhice” era o estoico Sêneca. Para ele, Platão, Aristóteles e Epicuro construíam uma concepção mitológica da figura do velho. Os idosos que ele conheceu em Roma muitas vezes não eram tão felizes como descreviam os gregos. Muitos deles, observou Sêneca, pareciam tranquilos, mas no fundo não eram. A aparente tranquilidade decorria de seu cansaço e desânimo por não conseguir mais lutar por aquilo que queriam. Não buscaram a *ataraxia* enquanto jovens, ou seja, a tranquilidade da alma e a ausência de perturbações frente aos desafios impostos pela vida.

Em seu célebre livro *A tranquilidade da alma*, Sêneca afirma que muitos homens, “de tanto mudar a condição da própria vida, terminam naquela em que os surpreende não o fastio da mudança, mas a

velhice, que é preguiçosa diante das novidades”. O cansaço da alma decorreria de uma vida de buscas de prazeres desnecessários, de luxo, glória, beleza e riqueza – incapazes de se sustentar com o passar do tempo. A idade sempre traz sabedoria, afirma Sêneca, porém esse conhecimento adquirido com o tempo muitas vezes chegava tarde demais. Para esse estoico, não importava ser jovem ou idoso, e sim a capacidade intelectual para viver e aceitar a vida, uma trajetória existencial isenta de arrependimento no seu fim.

Se envelhecer é uma “droga”, como afirma o ator Arnold Schwarzenegger, ou se ela é a “melhor idade”, como dizem muitos aposentados, esses discursos não contribuem para uma resposta definitiva para o estudo científico. Afinal, o conceito de velhice não é um fenômeno puramente biológico, mas também fruto de uma construção social e psicoemocional. A complexidade do tema é um assunto difícil quando precisamos emitir um juízo de valor em qualquer área, mesmo na Filosofia. Quando um suposto conhecimento científico sobre o envelhecimento o toma como um “problema”, os pesquisadores se deparam com questões éticas difíceis de esclarecer. filo



ARTHUR MEUCCI
É MESTRE EM FILOSOFIA
PELA USP, DOUTORANDO
EM EDUCAÇÃO, ARTE E
HISTÓRIA DA CULTURA PELO
MACKENZIE, É MEMBRO DA
ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA
SCIENTIAE STUDIA.
PROFESSOR CONFERENCISTA
DA ECA/USP E DO CURSO DE
ÉTICA E MEIO AMBIENTE DO
PEC/FGV-SP E CONSULTOR
DO ESPAÇO ÉTICA.
WWW.MEUCCI.COM.BR